

**ESTREIA** Art Carneiro, no clarinete, e o norte-americano Pops Whitman, na bateria, durante a primeira jam session realizada em Portugal, a 6 de fevereiro de 1948, no café Chave d'Ouro, em Lisboa





# O jazz que veio de Xangai

Art Carneiro foi um pioneiro do jazz em Portugal. Nasceu e cresceu em Xangai, quando a capital económica da China era uma das cidades mais cosmopolitas do mundo. Morreu em 1963, com 58 anos. Uma vida curta e singular, tão desconhecida como a história dos milhares de portugueses nascidos naquela grande metrópole chinesa



TEXTO **ANTÓNIO CAIRO**  
JORNALISTA, ANTIGO CORRESPONDENTE  
DA LUSA NA CHINA



primeira *jam session* realizada em Portugal decorreu a 6 de fevereiro de 1948 no Chave d'Ouro, um grande café de Lisboa já desaparecido. No dia seguinte, as duas estrelas da noite — Art Carneiro, no clarinete, e o norte-americano Pops Whitman, na bateria — dominavam a primeira página de “O Século”, jornal que reivindicava “a maior circulação” no país. É uma fotografia a três colunas, com uma legenda que ilustra bem o ambiente da época: “O ritmo alucinante da bateria e os sons estridentes do clarinete põem ao rubro o entusiasmo do auditório.” Mais de 70 anos depois, o jazz já não é a “moda que veio dos pretos/ Onde não há fá nem dó/ Tudo canta, pula e berra/ Txim, txim, txim, pó, pó, pó”, descrita numa sátira teatral de 1934. Mas aquele clarinetista de rosto bonacheirão e traços orientais que animou a histórica improvisação continua a ser muito pouco conhecido.

Art Carneiro — nome artístico de Artur José dos Santos Carneiro — nasceu, cresceu e iniciou a sua carreira musical em Xangai. Era neto do segundo-sargento Joaquim dos Santos Carneiro, militar do distrito de Coimbra destacado para Macau em 1874 e que regressou definitivamente a Portugal 16 anos mais tarde, deixando no Oriente a mulher, Olímpia Maria de Aquino, de ascendência chinesa, e dois filhos. O mais velho, Ernesto dos Santos Carneiro, pai de Art Carneiro, emigrou depois para Xangai.

Quase todas as famílias de Macau tinham alguém em Xangai. Ernesto Carneiro por lá casou, constituiu família e viveu o resto da sua vida. A colónia portuguesa era um pequeno território, sem grandes oportunidades. Xangai, pelo contrário, estava a tornar-se o maior porto do Extremo Oriente.

Situado na foz do Yangtzé, o terceiro maior rio do mundo, a seguir ao Nilo e ao Amazonas, Xangai foi um dos portos que a Grã-Bretanha obrigou a China a abrir ao comércio internacional. Após a Guerra do Ópio (1839-42), o velho Império do Meio teve também de ceder a ilha de Hong Kong à nova superpotência emergente.

No Reino Unido, aquele conflito é designado por Guerra Anglo-Chinesa; na China tem um nome menos asséptico: Guerra Lançada pela Grã-Bretanha para Proteger o Seu Comércio de Ópio na China. No fim, o Governo chinês foi igualmente obrigado a pagar uma elevada indemnização pela tonelada de ópio que um zeloso comissário imperial apreendeu a comerciantes ingleses e que mandou depois queimar numa praia perto de Cantão.

Radicados há várias gerações na costa sul da China, os portugueses foram dos primeiros estrangeiros a estabelecer-se em Xangai, por volta de 1850, e durante os 100 anos seguintes formaram uma das suas maiores comunidades. Viveram os efeitos da Guerra do Ópio, a queda de uma monarquia multimilenar, a ocupação japonesa e, por fim, uma longa guerra civil, que culminou com a vitória do Partido Comunista, em outubro de 1949. Uma história de um século nas margens de dois impérios.

Entre as 48 comunidades estrangeiras residentes em Xangai no início dos anos 30, a portuguesa era a sexta mais numerosa, depois da japonesa, inglesa, russa, americana e indiana. Os 1599 portugueses então recensados suplantavam os próprios franceses, que governavam a zona entre a Concessão Internacional (International Settlement), administrada pelos ingleses, e a velha cidade chinesa. Contando com os que viviam fora das concessões estrangeiras e não estavam registados no Consulado, o número real seria muito superior: cerca de 3 mil, segundo o “North China Daily News”, o mais influente jornal de língua inglesa da cidade. Trabalhavam quase todos em empresas inglesas ou americanas, como empregados de escritório, contabilistas, secretárias ou intérpretes.

No total, havia cerca de 50 mil estrangeiros: uma pequena minoria numa população de 3 milhões. Estavam quase todos de passagem, mais tarde ou mais cedo regressariam aos seus países. Os portugueses não. “Nunca imaginaram que um dia teriam de sair”, salienta Jorge Rangel, um antigo governante de Macau cujo avô e pai nasceram em Xangai.

Não conheciam Portugal. “Noventa por cento deles não faziam a mais pequena ideia de onde eram originários e muitos não sabiam quem foi o primeiro antepassado a radicar-se no Oriente”, afirma o historiador Jorge Forjaz. Especializado em genealogia, Forjaz é o autor do mais exaustivo levantamento de famílias macaenses publicado até hoje: uma obra em cinco volumes, com 900 páginas cada um.

Jorge Forjaz fala dos portugueses de Xangai com admiração: “Eles foram os nossos primeiros retornados.” Como os que vieram das colónias africanas em 1975, de um momento para o outro tiveram de deixar a terra onde sempre tinham vivido e esperavam continuar a viver. Mas, ao contrário dos retornados de Angola ou de Moçambique, não tinham propriamente uma metrópole para onde voltar e muitos nem sequer falavam português. Alguns vieram para Portugal, mas a grande maioria dispersou-se pelo resto do mundo, do Pacífico Sul à América do Norte. Os seus filhos vivem longe da Europa, em cidades construídas por emigrantes de muitas raças e religiões, como São Paulo, São Francisco, Sydney ou Vancouver.

Alberta Rita Carneiro da Cunha, sobrinha de Art Carneiro, veio em janeiro de 1947, via Macau: “Estivemos lá dois meses à espera e em dezembro embarcámos no ‘Quanza’ para Lisboa.” Tinha 8 anos. “O navio vinha de Timor com tropas. Embarcámos só nós.” O “nós” eram os pais, a avó paterna, Rosa Maria Tou, chinesa nascida em Macau, e quatro tios, irmãos da mãe, entre os quais Art Carneiro e a mulher, Nydia Maria da Luz, pais do professor Roberto Carneiro, futuro ministro da Educação.

Foi uma viagem demorada, com paragens em Bombaim, onde passaram o Natal, Goa e Egito: “Lembro-me porque tenho fotografias no Cairo a andar de camelo”, refere Alberta. O primo Roberto, que nasceu em Cascais cinco meses mais tarde, não se pode lembrar de nada: “Vinha na barriga da minha mãe.”

A notícia saiu na última página do “Diário de Lisboa”, 19 linhas a uma coluna, preenchidas em boa parte com os nomes dos passageiros mais importantes: os já referidos, mais os oficiais que comandavam as tropas que regressavam de Timor e de Macau, majores Vassalo da Silva e Aníbal Chaves Tarrinho, respetivamente, e os dois acompanhantes do patriarca das Índias, D. José da Costa Nunes, e o sacerdote Machado Lourenço e Manuel Costa Nunes.

Ninguém mencionou que naquele dia e daquele navio desembarcou um dos primeiros músicos portugueses de jazz. “Art Carneiro foi um pioneiro, sem dúvida”, afirma o musicólogo João Moreira dos Santos. “Antes dele, o jazz que se tocava por cá era muito incipiente.” Foi também dos primeiros retornados de Xangai a chegar a Lisboa, mas na altura essa palavra não fazia parte do nosso vocabulário.

Berço da modernização da China — onde nasceu a grande indústria chinesa, o cinema e o Partido Comunista Chinês —, a terra natal de Art Carneiro era mundialmente conhecida como “Paris do Oriente”



**CONFLITO** Canhões em Takou, na foz do rio Pei, China, 1860, durante a Segunda Guerra do Ópio; e fumadores de ópio, num retrato de 1867 do artista William Thomas Saunders

## Quase todas as famílias de Macau tinham alguém em Xangai. A colónia portuguesa era um pequeno território, sem grandes oportunidades

e “capital asiática do jazz”. “Sem o jazz, Xangai não seria Xangai”, escreveu um jornalista do “New York Times” em 1922, o ano em que a Whitey Smith’s Orchestra se instalou na grande metrópole chinesa.

Havia centenas de cabarés e salões de baile, alguns dos quais nunca fechavam. O jazz era “o ritmo de Xangai”, dizia a publicidade, e a Whitey Smith’s Orchestra “ensinou os chineses a dançar”. A última frase é atribuída à romancista Pearl Buck, filha de missionários presbiterianos que viveu mais de duas décadas na China. O seu livro mais conhecido, passado numa aldeia chinesa — “Terra Bendita” (“Good Earth”) —, saiu em 1932, sete anos antes de a escritora ganhar o Prémio Nobel da Literatura.

Baterista, filho de emigrantes dinamarqueses estabelecidos na Califórnia, Whitey Smith chegou em setembro de 1922, contratado pelo dono de um bar americano. Tinha 25 anos. “Sabia tanto da China como a China sabia acerca de mim”, escreveu Whitey Smith nas suas “Memórias”. Cinco anos depois, a sua orquestra estava a tocar na festa de casamento do generalíssimo Chiang Kai-shek com Soong May-ling, que reuniu 1300 convidados num dos melhores hotéis da cidade. O líder do Partido Nacionalista, futuro Presidente da China, tinha acabado de romper com os comunistas.

Numa fotografia publicada em 1926 num jornal americano de Xangai lá está Artur Carneiro — “They are all here, Whitey and his gang.” O músico português tinha 21 anos. Era o mais velho de cinco irmãos. Estudou Engenharia Civil na Universidade Aurora, fundada por jesuítas, “mas a contragosto”, conta o filho, Roberto Carneiro. “A sua grande paixão, que condiciona toda a sua vida, é a música.” No Conservatório de Xangai, o seu instrumento preferido era o violino. Depois descobriu o saxofone, o trompete e o clarinete. No total, “tocava 14 instrumentos, incluindo o pesado acordeão de teclas”.

Integrado na Whitey Smith’s Orchestra ou com a sua Art Carneiro Band, o pai do antigo ministro tocou nos locais mais famosos de Xangai, desde

o Majestic ao Cathay Hotel (atual Fairmont Peace Hotel), junto à marginal. “Tinha uma vida muito noturna, muito boêmia”, diz o filho. O seu primeiro casamento, com uma inglesa nascida na China, não durou muito. A paz também não.

O Japão já tinha atacado Xangai com extrema violência, mas a invasão desencadeada a 13 de agosto de 1937 foi ainda mais arrasadora. Depois de Pequim e Tianjin, o alvo do exército japonês era agora a maior e mais moderna cidade chinesa. Aquele dia ficaria gravado na memória coletiva como “o sábado sangrento”.

A batalha durou três meses — a mais longa da que os chineses chamam Guerra de Resistência contra o Japão, que se arrastou por oito anos. Os números apurados por Frederic Wakeman Jr, historiador da Universidade de Berkeley, falam por si: cerca de 300 mil soldados morreram, centenas de milhares de pessoas ficaram sem casa, 900 fábricas e oficinas foram destruídas, 600 mil trabalhadores perderam o emprego...

Em menos de três meses, cerca de 600 portugueses foram evacuados de Xangai. O número responde a quase um terço dos que estavam registados no Consulado. A bordo do navio francês “Aramis”, que saiu para Hong Kong a 20 de agosto, com centenas de refugiados de várias nacionalidades, a comunidade portuguesa até aumentou. Durante a viagem, Isabel Rosário deu à luz uma rapariga e à chegada, no dia 25, “mãe e filha estavam ambas de boa saúde”, noticiou o jornal “South China Morning Post”.

Um pouco mais de metade dos refugiados portugueses (335) seguiram para Macau e os restantes ficaram em Hong Kong, onde muitos tinham familiares. Art Carneiro também ficou na colónia britânica, contratado pelo Península Hotel. Era — e é — um dos mais famosos hotéis do Extremo Oriente. Segundo Roberto Carneiro, “como solista”, o pai tocava piano nas horas do almoço e do lanche, e à noite, à frente de uma orquestra constituída sobretudo por músicos filipinos, “fazia as delícias dos clientes do hotel e dos residentes amantes da boa música ou de um bom pé de dança”.

Em dezembro de 1941, horas depois de ter atacado Pearl Harbor, a aviação japonesa começou a bombardear Hong Kong. Após quase três semanas de combates e mais de 6 mil mortos, a ilha rendeu-se. A rendição foi assinada no Península, onde o governador Mark Aitchison Young ficaria retido durante dois meses, antes de ser transferido para uma prisão em Xangai.

Para a população de Hong Kong, os três anos e oito meses de ocupação japonesa foram um pesadelo quotidiano. Sempre que se cruzavam com um soldado japonês, os chineses tinham de curvar-se, e se não o fizessem eram esbofeteados ou mesmo presos, conta a escritora Jan Morris. Havia execuções públicas. Lojas, hotéis, cafés, ruas e outros lugares conhecidos passaram a ter nomes japoneses. O Península tornou-se o Toa (Asia Oriental Hotel).

“Mas nem tudo são agruras”, diria Roberto Carneiro. Os seus pais conheceram-se quando os japoneses já estavam a atacar Hong Kong. A mãe, Nydia Maria da Luz, era “uma formosa jovem” de 18 anos que trabalhava de dia como empregada de limpeza e à noite cantava em hotéis acompanhada por um grupo de músicos filipinos. Art “enamora-se dela e da sua voz, e os amantes celebram sob a chuva de morteiros e silvos de tiroeteo um pacto de



**MEMÓRIA** Roberto Carneiro, antigo ministro da Educação, lembra-se de estar num hotel na China e de o músico mais velho da Old Jazz Band, um saxofonista com 90 anos, dizer-lhe que se recordava do seu pai, Art Carneiro

vida”, que se manteve até à sua prematura morte, em 1963, escreveu o filho.

No final de 1942, num “contexto de carência generalizada”, incluindo água potável e produtos alimentares, Art e Nydia decidiram ir para Macau, onde a avó paterna do músico e outros familiares continuavam a viver. A colónia portuguesa foi o refúgio de milhares de pessoas, sobretudo chineses do interior da China. Durante a guerra, a população mais do que triplicou, atingindo o meio milhão em 1945.

Com músicos filipinos que conheceu em Hong Kong e outros recrutados localmente, Art formou

uma banda que atuava regularmente no Hotel Riviera, animando “cháis e noites dançantes”. “Surgiu assim o primeiro músico português (profissional da noite) em Macau”, recordaria o músico macaense Rigoberto Rosário Jr.

Terminada a guerra, a família de Art Carneiro regressou a Xangai. Não foram os únicos. O número de residentes portugueses registou mesmo uma subida, passando de 2043 em 1945 para 2281 no ano seguinte. Xangai continuava a ser um íman. Não era, contudo, a melhor altura para regressar. A guerra entre nacionalistas e comunistas,

**O “Quanza” chegou a Lisboa a 18 de janeiro de 1947, um mês depois de ter largado de Macau. Além dos militares que haviam terminado a missão nas colónias do Extremo Oriente, vinham a bordo os restos mortais do antigo governador Artur Tamagnini Barbosa**

# No outono de 1946, a família Carneiro estava de novo a partir, “reduzida a poucas malas de roupa e pertences”, salientou o filho de Art. O destino, desta vez, seria Portugal

interrompida durante a ocupação japonesa, iria recomeçar em breve.

No outono de 1946, a família Carneiro estava de novo a partir, “reduzida a poucas malas de roupa e pertences”, salientou o filho de Art. O destino, desta vez, seria Portugal, “um mundo culturalmente distinto e desconhecido”, onde teriam de “reconstituir um património a partir da estaca zero”.

Apesar do apoio militar dos Estados Unidos, os nacionalistas perderam a guerra no continente chinês. O que restava — e resta — da velha República da China (sem o adjetivo popular) ficou reduzido à ilha de Taiwan. Em Pequim, no dia 1 de outubro de 1949, o líder do Partido Comunista, Mao Tsé-Tung (Mao Zedong), anunciou o nascimento de uma “Nova China”, a República Popular da China.

Grande parte das empresas estrangeiras deixou Xangai, e com a sua saída o emprego de muitos portugueses desapareceu. Quando o Consulado de Portugal fechou, em outubro de 1952, a comunidade estava reduzida a poucas famílias. Ella Graca, futura grande mestre de bridge da seleção de Hong Kong, e a sua mãe, Augusta Maria Monteiro, foram os últimos a sair, em 1963, apurou o genealogista Jorge Forjaz.

Na família de Art Carneiro, todos sabiam música: a mãe, Alice, tocava piano, e os dois irmãos, Alberto e Francisco Xavier, contrabaixo e guitarra elétrica. Depois de virem para Portugal, tocaram juntos no Casino Estoril, no American Club e no paquete “Vera Cruz”, que fazia a carreira para o Brasil e a Argentina. “Xangaineses fazem sucesso em Lisboa”, noticiou um jornal inglês de Xangai em junho de 1947.

O quarteto chamava-se The Cathy Ambassadors, uma evocação do famoso Cathy Hotel e do reino de Catoia, o nome que os antigos ocidentais davam à China. Pensaram estabelecer-se na América do Sul, mas devido à “enorme instabilidade política” da região mudaram de ideias. Já tinham a sua dose de incerteza política.

Fuentes em inglês, os irmãos de Art arranjaram emprego em companhias americanas e acabaram por emigrar para os Estados Unidos. Ele não foi, mas andou lá perto. Em 1949, a Força Aérea norte-americana contratou-o para tocar na Base das Lajes, nos Açores, onde já tinham atuado Frank Sinatra e a Glenn Miller Orchestra. Dizia-se que ele foi “oferecido um vencimento mensal de 10 contos, ordenado equivalente ao auferido pelo governador civil de Angra do Heroísmo”.

Art Carneiro era um nome conhecido nos meios musicais. Antes de se fixar em Portugal, tocou em vários países da Ásia e da Europa. Um jornal açoriano, o “Diário Insular”, apresentou-o aos seus leitores como “artista de fama internacional”. Viveu

mais de uma década no arquipélago, acompanhado pela mulher e o único filho.

A sua “intensa atividade” nos Açores — afirma Roberto Carneiro — permitiu-lhe construir “uma ponte entre o rigor da sonoridade clássica e a criatividade e beleza do jazz e de outros ritmos musicais”. Atuava com uma “orquestra de dança” de 12 músicos — todos de fato escuro, camisa branca e laço — e com um quarteto constituído por ele próprio (clarinete), Luís Soares (guitarra), Alberto Coelho (piano) e Alberto Mateus (bateria).

“Tocava todos os fins de semana na base, e às vezes também em Angra”, recorda José Ribeiro Pinto, da Associação Cultural Angra Jazz. “Na altura era identificado como músico macaense. Não sabia que ele era de Xangai, estava convencido que vinha de Macau”, acrescenta.

Jorge Forjaz, nascido em Angra do Heroísmo, em 1944, lembra-se bem desse tempo: “Na minha juventude, dancei muitas vezes ao som do Art Carneiro. Ele tocava todos os instrumentos: clarinete, piano, trompete...”

Morreu a 10 de outubro de 1963, num hospital de Lisboa, com 58 anos. O óbito foi anunciado na coluna de necrologia do “Diário de Notícias”: sete linhas de texto, apenas, no meio de outras mortes.

A viúva e o filho passaram a viver “com pouco mais de 500 escudos por mês”: “Tivemos de vender património, inclusive os instrumentos do pai — saxofone, clarinete, trompete, fagote, oboé e finalmente o piano”, recordou Roberto Carneiro em 2014, numa entrevista a Anabela Mota Ribeiro. Até o futuro ministro receber uma bolsa de estudo, o principal apoio veio dos tios, irmãos de Art Carneiro: “Decidiram quotizar-se para nos ajudar a sobreviver.”

Num “ensaio subjetivo” sobre a identidade nacional publicado no ano passado, Roberto Carneiro define-se como um “huso-oriental”, “gerado no longo Império do Meio”, cuja “língua materna e de afetos primaciais”, falada em casa com os pais, era o inglês. O pai iniciou-o na música — precisamente no Clube de Portugal, um dos mais antigos clubes de jazz da Europa, fundado poucas semanas depois da histórica *jam session* no café Chave d’Ouro. O jovem Carneiro acabou por ingressar no Instituto Superior Técnico, onde se licenciou em Engenharia Química, mas a música continuou viva na família. Joana Carneiro, ex-maestrina titular da Orquestra Sinfónica Portuguesa, é neta de Art Carneiro.

Roberto Carneiro foi ministro da Educação entre 1987 e 1991, no primeiro Governo de Cavaco Silva com maioria absoluta. Foi também nessa altura que o primeiro-ministro português acordou com o homólogo chinês a transferência de Macau para a China.

Mao Tsé-Tung já tinha morrido. O seu retrato continuava — e continua — afixado na Porta da Paz Celestial, no centro de Pequim, mas a linha política mudara. Em vez do “aprofundamento da luta de classes”, o “desenvolvimento económico” era agora a “tarefa central”. O novo líder, Deng Xiaoping, defendia a abertura do país ao investimento externo e aos “avançados métodos de gestão dos países desenvolvidos”.

Em dezembro de 1980, a gerência do antigo Cathy Hotel, onde Art Carneiro tocou, investiu na nostalgia: com a ajuda de um trompetista reformado da Orquestra Sinfónica de Xangai, Zhou Wanrong, criou a Old Jazz Band.

Mandado construir por um judeu de origem iraquiana chamado Victor Sassoon, o hotel é uma das joias do património *art déco* da cidade. Depois de 1949, foi nacionalizado e mudou o nome para Peace Hotel. O jazz, entretanto, desapareceu. Era um símbolo da “narcótica e corrompida” cultura americana e, como tal, uma música “desprezível e sombria”, com um “ritmo obscuro”, afirma Mo Li, um investigador da Universidade de Kent. Durante três décadas, “ninguém tocou jazz na China Continental”.

Como o pianista Cai Ziping, cofundador da nova banda, Zhou Wanrong tocou em 1947 na orquestra de Jimmy King, a primeira *big band* constituída exclusivamente por chineses. O Old não se referia apenas ao repertório: todos os músicos da nova banda eram veteranos. Eram e continuaram a ser: em 2017, o mais novo, o saxofonista Li Minsheng, tinha 76 anos. Atuavam no bar ao fundo do lobby, onde nada parecia ter mudado: a mesma porta giratória, paredes e colunas forradas de mármore, candelieiros de ferro forjado, ventoinhas suspensas do teto, o longo balcão de madeira. Até o cheiro era o do passado.

A Old Jazz Band do Peace Hotel converteu-se rapidamente numa atração turística. Vinham em excursão chineses ultramarinos e “compatriotas” de Taiwan. Tinham a mesma idade dos músicos, que tocavam para eles “In the Mood”, “Moonlight Serenade” e outros antigos êxitos de Glenn Miller. O bar tornou-se também um local de peregrinação para os dignitários estrangeiros que visitavam Xangai. Os Presidentes Bill Clinton e Jorge Sampaio foram alguns dos estadistas que assinaram o livro de honra da casa.

Em setembro de 2013, Roberto Carneiro e a mulher, Maria do Rosário Amaro da Costa, também foram ao Peace Hotel, numa viagem à China organizada pelo Centro Nacional de Cultura sob o lema “Os Portugueses ao Encontro da Sua História”. A gerência do hotel passara para uma multinacional com capitais árabes e suecos sediada no Canadá, mas a Old Jazz Band mantinha-se.

Naquela noite, o bar onde a orquestra toca “estava cheio, com muita gente à porta, à espera de lugar”. O antigo ministro levava a partitura de um clássico da década de 50, “Misty”, a música de Erroll Garner com que Art Carneiro costumava terminar as suas atuações. Pediu para tocarem aquela peça. E, no final da sessão, “o músico mais velho da Old Jazz Band, um saxofonista com 90 anos”, veio dizer-lhe que se recordava do seu pai: “Não se esqueceram, mas lembrava-se de ter ouvido falar dele”, conta Roberto Carneiro. “Vieram-me as lágrimas aos olhos.” ●